

Número 7 - Enero / Junio 2019

# **REVISTA DIÁLOGOS EN MERCOSUR**

ISSN 0719-7705

**DIÁLOGOS EN MERCOSUR  
¡AMÉRICA LATINA Y MÁS!**



## CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

### CUERPO DIRECTIVO

#### Director

**Carlos Túlio da Silva Medeiros**

*Diálogos en Mercosur, Brasil*

#### Sub Director

**Francisco Giraldo Gutiérrez**

*Instituto Tecnológico Metropolitano, Colombia*

#### Editores

**Isabela Frade**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

**Juan Guillermo Estay Sepúlveda**

*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*

### COMITÉ EDITORIAL

**Andrés Lora Bombino**

*Universidad Central Marta Abreu, Cuba*

**Claudia Lorena Fonseca**

*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

**Carlos Túlio da Silva Medeiros**

*Diálogos en Mercosur, Brasil*

**Fernando Campos**

*Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal*

**Francisco Giraldo Gutiérrez**

*Instituto Tecnológico Metropolitano, Colombia*

### COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL

**Ana Mirka Seitz**

*Universidad del Salvador, Argentina*

**Eduardo Devés**

*Universidad de Santiago / Instituto de Estudios Avanzados, Chile*

**Eduardo Forero**

*Universidad del Magdalena, Colombia*

**Graciela Romero Silveira**

*Universidad de la República, Uruguay*

**Heloísa Buarque de Hollanda**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

**Ángel Nava**

*Universidad de Zulia, Venezuela*

**Juan Bello Domínguez**

*Universidad Nacional Autónoma de México, México*

**María Alicia Baca Macazana**

*Organización de Comunidades Aymaras, Quechuas y Amazónicas del Perú, Perú*

**María Teresa Ferrer Madrazo**

*Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona, Cuba*

### Cuerpo Asistente

#### Documentación

**Lic. Carolina Cabezas Cáceres**

*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*

**Traductora: Inglés**

**Lic. Pauline Corthon Escudero**

*221 B Web Sciences, Chile*

**Traductora: Portugués**

**Lic. Elaine Cristina Pereira Menegón**

*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*

#### Portada

**Felipe Maximiliano Estay Guerrero**

*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*



## CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

### Indización

Revista Diálogos en Mercosur, se encuentra indizada en:





CUADERNOS DE SOFÍA  
EDITORIAL

ISSN 0719-7705 – Publicación Semestral / Número 7 / Enero – Junio 2019 pp. 108-116

## CINCO PROPOSTAS DE UMA CIÊNCIA VIVA PARA UMA POLÍTICA DA NATUREZA

### FIVE PROPOSALS OF A LIVING SCIENCE FOR A NATURE POLICY

**Dr. Thiago Isaias Nóbrega de Lucena**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil  
thiagolucenacs@hotmail.com

**Fecha de Recepción:** 03 de Noviembre de 2018 – **Fecha Revisión:** 02 de febrero de 2019

**Fecha de Aceptación:** 04 de febrero de 2019 – **Fecha de Publicación:** 01 de marzo de 2019

#### Resumo

Este texto tem por propósito construir uma espécie de manifesto de uma política da natureza, conforme expressão de Bruno Latour que retoma a ideia primordial de política como sendo a organização da vida pública a partir da relação indissociável do humano com a natureza estendida. Por meio de uma metodologia enciclopédica e analítica ao mesmo tempo compilamos ideias anunciadas no universo científico por 5 pensadores de áreas do saber diferentes em suas obras publicadas a partir da segunda metade do século XX. Essas ideias transformaram-se em 5 atitudes a serem tomadas para a resolução de entraves percebidos no cenário deste início de século XXI que obstaculizam a construção de uma cidadania planetária.

#### Palavras-Chaves

Natureza – Política – Manifesto – Complexidade – Religação

#### Abstract

This text has the proposal to build a kind of manifest of a nature policy, according to expression of Bruno Latour that retakes a main idea of politics as being the organization of public life from the inseparable relation of human with extended nature. Through an encyclopedic and analytical methodology at the same time we compiled ideas spread out on the scientific universe by thinkers of different areas of knowledge in their published works from da second half of XX century. These ideas have become in 5 attitudes to be taken to the resolution of perceived barriers in the scenario of the beginning of XXI century that make difficult the construction of a planetary citizenship.

#### Keywords

Nature – Politics – Manifest – Complexity – Reconnection

#### Para citar este artículo:

Lucena, Thiago Isaias Nóbrega de. Cinco propostas de uma ciência viva para uma política da natureza. Revista Diálogos en Mercosur num 7 (2019): 108-116.

*Na verdade, não existe ambiente como uma entidade única, fixa e exterior à sociedade humana. O ambiente é múltiplo e com significados contextuais diversos.*

*Não é de “defesa” que o ambiente necessita. Precisa, primeiro, de um melhor entendimento. Depois, precisa de uma produção menos centrada nos interesses de lucro de uma pequena elite que fala em nome do mundo.*  
Mia Couto

## **Sentimento de pertença**

Ainda que este estudo faça uso da expressão “política da natureza” tendo por base a oportuna noção sinalizada por Bruno Latour<sup>1</sup> em livro homônimo, entendemos que toda política é da natureza num sentido primordial. Entendemos que construir nichos de ação e conscientização voltados para uma natureza que está fora de nós – como se fosse possível separar – só reitera a fragmentação denunciada por Edgar Morin<sup>2</sup> desde a década de 70 do século XX e por tantos outros intelectuais, filósofos e cosmólogos que, por seus discursos reinserem o humano de volta à ideia de que nos constituímos como indivíduos e sociedade, mas que antes somos espécie e somos natureza. É preciso assumir de novo este lugar de pertença expressada originalmente na emergência das ideias e das tecnologias.

Assumimos porque estamos implicados e não como estrangeiros que tomam posse e colonizam uma natureza como aprendemos dos livros sagrados e consolidamos como programa na modernidade histórica. O início do período moderno alimentou o discurso de “construo porque não pertenço; porque sou estrangeiro à natureza”. Tínhamos ali o poder de remediar. Hoje não temos mais. A natureza não precisa de nós, mas só aos poucos estamos nos dando conta disso.

E precisamos agir com urgência, não por temor de que catástrofes possam nos prejudicar, mas pelo simples prazer do pertencimento. Pertencemos a este a este lugar! Pertencemos e somos parte de um planeta que, mesmo fragmentado por fronteiras reais ou imaginárias – sendo estas últimas as mais perversas – é parte de nós, ainda que para as novas gerações possa parecer que não. Os povos originários da América compreendiam esse discurso e construíam as coisas pensando nas gerações posteriores. E o faziam, não por medo apocalíptico, mas por saber que, como diz o educador indígena Daniel Munduruku<sup>3</sup>, viver é um presente e não se trata de um presente estante como o que encontramos na vitrine. O rio, a terra, as coisas são entes vivos que consolidam informações e as trocam, como nós.

Viver a “cidadania planetária” tão reivindicada por Edgar Morin<sup>4</sup> e intelectuais do pensamento complexo significa encarnar essa ética do pertencimento. É por isso que qualquer estratégia de educação ambiental que posicione o humano fora da natureza é colonizadora e, portanto, não faz sentido enquanto processo de aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Bruno Latour, Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia (Bauru: EDUSC, 2004).

<sup>2</sup> Edgar Morin, O Paradigma Perdido: a natureza humana. 5.ed. (Portugal: Publicações Europa-américa, 2000).

<sup>3</sup> Daniel Munduruku, Mundurukando (São Paulo: UK'A Editorial, 2010).

<sup>4</sup> Edgar Morin, O Paradigma Perdido: a natureza humana...

Precisamos de uma educação para a totalidade, para a pertença. Nessa mesma perspectiva precisamos perceber a emergência das tecnologias como via de aproximação de um conhecimento que lhe restitua a totalidade. Karl Marx<sup>5</sup> já falava no século XIX que as tecnologias são resultado de nossos intercâmbios com a natureza estendida. Ainda que faça sentido, a assertiva de Marx só encontra espaço no tempo presente se percebermos que esse intercâmbio não se dá entre entidades estranhas uma à outra. Poderíamos dizer que as tecnologias são mais uma das possíveis formas de emergência que brotam da natureza. Não se trata de uma passividade; o eu sujeito não desaparece nessa ação. A potência mesma desse movimento é estar imerso nessa totalidade. Quanto mais eu me embrenho nessa volta, mais eu enxergo as coisas como são por dentro.

Para chegarmos a uma política da natureza e nos percebermos como cidadãos planetários precisamos sim, como sugere Fritjof Capra<sup>6</sup>, nos inscrevermos numa “alfabetização ecológica” que se estrutura no sentido de reaprender essa primeira leitura do mundo menos mediada, mais selvagem. Quanto mais intermediamos pela domesticação, menos enxergamos porque menos pertencemos. Precisamos exercitar o olhar por dentro mesmo sabendo que é mais perigoso, sísmico. É a forma mais inteira de se ver pertencente. O mesmo acontece com a técnica. Desse processo sairá um humanismo mais imerso na totalidade.

### **A guisa de propósito**

Tendo em vista que o caminho de uma alfabetização ecológica inteira é longo porque implica reaprender a existir no mundo, os esforços pedagógicos de reflexão e ação que não se limitam à construção de produtos de consumo são bem vindos para uma iniciação dos sujeitos nessa dinâmica. O propósito deste estudo foi o de levantar pontos que chamaremos de frentes de atuação de um manifesto de uma política da natureza. Trata-se da compilação de ideias já anunciadas no universo científico por intelectuais que viveram em épocas diferentes e de pertencimentos acadêmicos também diferentes. A revisão se dá a partir de escritos oriundos da década de 1950 até a virada do século XXI.

Anteriormente à revisão sinalizamos em forma de levantamento alguns entraves percebidos no cenário deste início de século XXI que obstaculizam a construção de uma cidadania planetária. Lançamos um olhar mais atento aos problemas ligados ao *métier* da grande indústria que ainda lida com um modelo de sustentabilidade assistencialista e pouco sustentável de fato.

### **Estrutura metodológica do manifesto: Balzac e Stendhal**

Neste intento repetimos a estratégia sugerida por Edgar Morin<sup>7</sup> de pensar um duplo movimento do pensamento investigativo a partir de dois padrões de escrita de dois escritores que inscreveram seus nomes nos umbrais da literatura universal pela originalidade de formato na hora de contar grandes histórias. Colocados em perspectiva por Morin os dois estilos fazem levantar duas atitudes que balizam o olhar de um pesquisador: o panorama e o detalhe significativo. Balzac e Stendhal, respectivamente.

---

<sup>5</sup> Karl Marx, *O Capital: Crítica da Economia Política* (São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2000).

<sup>6</sup> Fritjof Capra, *O Ponto de Mutação* (São Paulo: Editora Cultrix, 1980).

<sup>7</sup> Morin, Edgar. (2000). *O Paradigma Perdido: a natureza humana...*

Atuando como Balzac, fizemos um sobrevoo panorâmico por referências bibliográficas da segunda metade do século XX em diante que advogam contra a fragmentação da vida, ciência e outros saberes e destacamos *As duas culturas* de Charles Snow<sup>8</sup>, *O paradigma perdido: a natureza humana* de Edgar Morin, *A nova aliança: metamorfoses da ciência* de Ilya Prigogine e Isabelle Stengers<sup>9</sup>, *O ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente* de Fritjof Capra<sup>10</sup> e *Complexidade: saberes científicos, saberes da tradi o* de Maria da Concei o de Almeida<sup>11</sup>.

Atuando como Stendhal, pin amos as men oes que d o sustentac o a uma “plataforma política”: Snow – Religar Arte e Ciência. Morin – Religar o *Homo Sapiens-Demens* enquanto bio, antropo, social (indivíduo/sociedade/espécie). Prigogine/Stengers – Religar as várias áreas no interior da própria ciência e reunir vida e ideia, ciência, razão e paixão. Capra – Religar o humano   totalidade do universo lembrando-se das futuras gera es. Almeida – Fazer dialogar sem sobreposi es Saberes Científicos e Saberes da Tradi o. A partir de agora trataremos de mostrar a estrutura melhor detalhada do manifesto.

### **Parlamento das coisas: manifesto de uma política da natureza**

A no o de política da natureza construída por Bruno Latour<sup>12</sup> retoma a ideia primordial de política como sendo a organiza o da vida pública a partir da rela o indissociável do humano com a natureza estendida. A partir da percep o de que a sociedade tem sido pensada de forma separada do ambiente   que deve emergir uma forma política nova que legitima-se pela entrada do saber científico na democracia. Esse lugar desde o advento das chamadas ciências modernas tem se reduzido ao limitado universo da superespecializa o e da constru o de tecnologias orientadas para o consumo. Enquanto isso, “ecopol ticas” continuam subalternizadas na agenda política mundial.

Parlamento das coisas, expressão que amplia o espaço das vozes reivindicatórias abre o púlpito para que as coisas falem. Neste caso específico significa deixar a natureza falar. Muitas são as formas de ausculta da natureza presentes nas artes, nos saberes da tradi o e constela es ancestrais. A Ciência a partir de Isaac Newton e suas 3 leis dotou-se da capacidade de ouvir a voz da natureza, mas são o fará de maneira inteira quando conseguir lidar com o modelo de vida planetário vigente neste século XXI que parece cortar o cordão umbilical do humano com a natureza.

<b>Modelo de vida planetário em vigência no século XXI</b>	
1	Produ�o, consumo e descarte de bens pouco duráveis em excesso
2	Uso indiscriminado das formas de energia
3	Indiferença sobre a destina�o dos resíduos da grande indústria

<sup>8</sup> Charles Percy Snow, *As duas culturas e uma segunda leitura*. Tradu o: Geraldo Gerson de Souza e Renato de Azevedo Rezende Neto (São Paulo: EDUSP, 2015).

<sup>9</sup> Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, *A nova aliança: metamorfose da ciência* (Brasília: Universidade de Brasília 1997).

<sup>10</sup> Fritjof Capra, *O Ponto de Muta o...*

<sup>11</sup> Maria da Concei o de Almeida, *Complexidade: saberes científicos, saberes da tradi o* (São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010).

<sup>12</sup> Bruno Latour, *Políticas da natureza...*

As perspectivas sombrias de futuro ainda se sobrepõem às alternativas eficazes de manutenção e cuidado generalizado com o planeta, mas sempre é possível retomar o cuidado preventivo, desacelerar o motor da indústria e utilizar a criatividade para pensar no que se descarta.

Não é propósito deste texto esmiuçar cada um dos pontos expostos na tabela, mas dizer que todos eles são potencializados ou freados diretamente pela tecnociência. Nosso movimento anunciado na seção anterior é o de construir uma espécie de agenda/manifesto de religação a partir da junção de discursos oriundos também da tecnociência a partir da segunda metade do século XXI.

### **Para um manifesto político da natureza**

As sugestões de Charles Snow<sup>13</sup>, Edgar Morin<sup>14</sup>, Ilya Prigogine e Isabelle Stengers<sup>15</sup>, Fritjof Capra<sup>16</sup> e Maria da Conceição de Almeida<sup>17</sup> são agora transformadas em proposições neste manifesto. Elas estão elencadas por ordem que leva em conta a cronologia das publicações e não a ordem de importância. Todas elas se agrupam e, em comum sugerem uma religação do que foi artificialmente separado: humano-natureza.

Sendo assim, para alimentar esse sentimento de pertença do humano à natureza, é preciso:

### **Superar a polarização e incompreensão entre as “duas culturas” (literatura ou arte e ciência).**

O Físico-Químico e Literato inglês Charles Percy Snow (1905 – 1981) proferiu em 1959 uma palestra que depois se tornou um dos livros mais influentes do pós-guerra. Sua influência se deu porque ele denunciava de maneira corajosa a polarização e incompreensão que havia entre o que podemos chamar de cultura científica e cultura humanística (ou artística, ou literária). Snow percebia que também no universo dos saberes se instalava essa patologia existencial que inclui cegueira, surdez e incapacidade de empatia. E que ela trás mais inconvenientes que soluções. Com a polarização perde-se em criatividade, percepção e resolução de problemas vitais. A incompreensão entre as duas culturas leva à elaboração de diagnósticos superficiais e depreciativos de uma para com a outra. “Cada um tem uma imagem curiosamente distorcida do outro”<sup>18</sup>. De parte dos literatos: o otimismo dos cientistas. De parte dos cientistas: o pensamento ultrapassado e inútil dos literatos. “Entre os dois um abismo de incompreensão mútua [...] hostilidade e aversão.”<sup>19</sup> Snow denuncia que é preciso compreender-se mutuamente e compreensão não significa aderir a tudo que vem do outro; significa acolher o diferente como ele é, mas visualizando a potência de vida que pode advir desse movimento de abertura. Colocar a percepção dos fenômenos de maneira binária é perda em complexidade. Escreve Snow que “O número 2 é um número muito perigoso [...]. As tentativas de dividir tudo em dois devem ser recebidas com muita suspeita.”<sup>20</sup>

<sup>13</sup> Snow, Charles Percy Snow, As duas culturas e uma segunda leitura...

<sup>14</sup> Edgar Morin, O Paradigma Perdido: a natureza humana...

<sup>15</sup> Ilya Prigogine e Isanelle Isabelle, A nova aliança: metamorfose da ciencia...

<sup>16</sup> Fritjof Capra, O Ponto de Mutação...

<sup>17</sup> Almeida, Maria da Conceição de Almeida, Complexidade: saberes científicos...

<sup>18</sup> Charles Percy Snow, As duas culturas e uma segunda leitura... 9.

<sup>19</sup> Snow, Charles Percy Snow, As duas culturas e uma segunda leitura... 21.

<sup>20</sup> Almeida, Maria da Conceição de Almeida, Complexidade: saberes científicos, saberes da



Por fim o autor clama por um movimento de repensar a educação para que saia da superespecialização e da super rigidez e torne-se intelectual e social, atinja a massa e cultive indivíduos capazes de por opiniões contrárias em perspectiva para que assim assumam o dever de cuidar dos despossuídos da Terra.

**Religar o *Homo Sapiens-Demens* enquanto bio, antropo, social (indivíduo/sociedade/espécie).**

De *O paradigma perdido: a natureza humana* escrito por Edgar Morin em 1973 retiramos esta segunda proposição. O autor também em tom de denúncia volta-se para o saber científico e questiona o fechamento ideológico e paradigmático das ciências. Nesse livro que abre espaço para a construção de *La Méthode* que se configurou posteriormente como a grande obra de Morin<sup>21</sup> escrita em 6 volumes, encontramos um movimento de reincorporar ao homem sua animalidade sem que isso desqualifique sua humanidade racional. Contrariando o que se propagava até então Morin vai dizer que a indissociabilidade entre natureza e cultura é o que há de mais potente na nossa condição. Com isso revela que a própria racionalidade não é, senão, uma emergência possível fruto de nosso movimento no interior da natureza.

Nossa condição tomou para si o codinome de *Homo sapiens sapiens* e Morin relembra que “saber que sabe” além de arrogante é minimizador da pluralidade que é o humano. Para tentar se aproximar de uma inteireza do sujeito ele propõe – sob controvérsias que se estenderam em críticas ao longo de toda a sua carreira – que somos *Homo sapiens demens* porque ao lado da razão nossa condição também fornece ao mundo o mito, a magia, a loucura, a fé, a desordem, as paixões e o despropósito.

O texto nos lembra do quanto somos natureza quando mostra que, até mesmo na ordem cultural experimentamos o mesmo movimento que funda o universo e tudo o que é da ordem do vivo: ordem-desordem-reorganização e que isso implica experimentar crises e superá-las criativamente. O indivíduo está ao mesmo tempo dentro da sociedade e da espécie que, por sua vez estão dentro dele. Cada indivíduo porta em si a forma inteira da condição humana.

A “cidadania planetária” da qual fala Edgar Morin<sup>22</sup> parte do pressuposto de que habitamos um espaço em comum, em suas palavras “a nave espacial Terra” e que os efeitos geopolíticos, sociohistóricos, econômicoambientais são sentidos e partilhados ao mesmo tempo por toda parte.

**Religar as várias áreas no interior da própria ciência e reunir vida e ideias, ciência, razão e paixão.**

Em *A nova aliança: metamorfose da ciência* de 1979 o Nobel de Química Ilya Prigogine (1917-2003)<sup>23</sup> em parceria intelectual com a química e filósofa Isabelle Stengers<sup>24</sup> denunciam que é preciso que saíamos da condição de espectadores para a de atores enraizados no âmbito da pesquisa científica. Em outras palavras, sugerem que

---

tradição... 27.

<sup>21</sup> Edgar Morin, *O Paradigma Perdido: a natureza humana...*

<sup>22</sup> Edgar Morin, *O Paradigma Perdido: a natureza humana...*

<sup>23</sup> Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, *A nova aliança: metamorfose da ciência...*

<sup>24</sup> Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, *A nova aliança: metamorfose da ciência...*

paremos de propagar uma suposta ideia de que o pesquisador não é parte do que pesquisa; de que vida e ideias se separam; de que a neutralidade é o que dá potência à ciência; de que sujeito e objeto precisam ser fraturados em nome da ciência. Isso “não significa de forma alguma que (o saber científico) deva ser caracterizado de um ponto de vista ‘biológico’, ‘psicológico’ ou ‘filosófico’”<sup>25</sup>

Todo esse protocolo fragmentador era a base discursiva das chamadas ciências modernas – entendidas aqui como “velha aliança” numa menção à narrativa bíblica judaico-cristã – desde o século XVII até o século XX. A ciência da velha aliança, por mais que nos tenha apresentado propostas viáveis de prolongamento e até melhoramento da vida, também acabou por tornar a condição humana na única capaz de colocar um ponto final na narrativa terrena.

O livro em questão debate sobre a mudança de uma visão da natureza-máquina, submetida às leis matemáticas, à visão de uma situação teórica atual muito diferente, fundamentada em uma descrição que situa o homem no mundo que ele mesmo descreve e que implica a abertura desse mundo.

### **Religar o humano à totalidade do universo lembrando-se das futuras gerações (sustentabilidade)**

O físico teórico Fritjof Capra<sup>26</sup> no ano de 1982 publica *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. 8 anos depois o filme *Mindwalk* dirigido por Bernt Amadeus Capra inspira-se na obra para trazer um relato cinematográfico que remete para a reinserção do humano à totalidade das coisas que o circunda. Mostra que para a mudança de percepção é preciso desamarra-se do paradigma cartesiano que nos leva a enxergar os fenômenos e a natureza como peças de uma máquina que podem ser consertadas tecnicamente, caso quebrem. É a esterilização das coisas. O paradigma assinalado lida com a instantaneidade e o imediatismo do consumo das reservas não abrindo espaço para a manutenção do planeta a longo prazo para que as futuras gerações usufruam dele de maneira potente.

Percebendo que a ciência ainda corre ao largo de uma preocupação ambiental o autor conclama mais uma vez as forças da conjunção para que sejamos capazes de pensar os problemas de um mundo conectado também em conexão. Nesse intento precisamos compreender a dinâmica dos ciclos da vida e trabalhar por complementaridade e não por oposição.

### **Fazer dialogar sem sobreposições saberes científicos e saberes da tradição.**

Vimos ao longo das proposições deste manifesto que, mesmo munidas de uma lógica da religação, elas tendem a se alojar no confortável interior das ciências. Inclusive a ideia matriz de “política da natureza” que motiva esta pesquisa parte do pressuposto de que para que a natureza fale no “parlamento das coisas”<sup>27</sup>, faz-se necessária a mediação da ciência. Mas, ancorar-se exclusivamente no saber científico faz-nos correr o risco de negligenciar as outras constelações de saberes que decodificam a natureza por meio de estratégias mais próximas de uma “lógica do sensível”, expressão cunhada por Claude

<sup>25</sup> Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, *A nova aliança: metamorfose da ciência...* 231.

<sup>26</sup> Fritjof Capra, *O Ponto de Mutação...*

<sup>27</sup> Bruno Latour, *Políticas da natureza...*

Lévi-Strauss para designar formas outras de construção de conhecimento embrenhadas no turbulento movimento da vida; *in vivo*, não *in vitro*.

No livro *Complexidade: saberes científicos, saberes da tradição*<sup>28</sup> a antropóloga brasileira Maria da Conceição de Almeida chama a atenção para um necessário diálogo entre ciência e “saberes da tradição”, expressão com a qual ela sinaliza todas as expressões de saberes que são ao longo da história, repassados de pai para filho de forma oral e experimental. Eles constituem modelos cognitivos do pensamento, o substrato da nossa civilização, ou uma ciência neolítica, conforme expressão de Lévi-Strauss. Não se encerrando nas constelações culturais do pretérito, essa ciência primeira convive lado a lado com o desenvolvimento das tecnociências no mundo planetarizado. E isso porque não se trata de um conhecimento atinente às sociedades do passado, mas de um modelo de compreensão do mundo que constitui a condição humana.<sup>29</sup>

Esta quinta e última proposição nos revela ainda que religar ciência e tradição não significa dizer que são exatamente a mesma coisa, tampouco dizer que a primeira sobrepõe-se hierarquicamente à segunda. Perceber suas diferenças reforça a lógica da multiplicidade criativa da própria natureza de gerar originalidades sem perder a unicidade. O desejo antropológico por resolver problemas práticos do cotidiano ou de tornar mais confortável a existência, encurtar distâncias, acessar o infinitamente complexo, comunicar e ser projetada-se das mais distintas formas, seja nas artes, nas ciências, nos saberes populares, ancestrais, todos eles balizados pela natureza que nos inclui e nos contém, não o contrário.

Uma política ecológica e uma cidadania planetária só serão viabilizadas se houver uma educação capaz de promover uma revolução intelectual baseada na disseminação dessa ciência complexa que participa politicamente dos desafios e soluções promotoras de respeito, justiça, dignidade e hospitalidade em relação ao ambiente. Se é pela educação que ela se estruturará, é preciso que universidades e institutos de pesquisa invistam em iniciativas transdisciplinares que conjuguem sem sobreposição estruturas filosófico-epistemológicas e construção de soluções materiais/imateriais que reaproveitem águas desperdiçadas, salvem biomas e construam uma ética da vida que promove a dignidade de tudo o que é da ordem do vivo que também inclui o humano.

Que os estudantes sejam incentivados a pensar o seu entorno expandido e não apenas a grama onde pisa. Não há manutenção da vida em separado. De nada adianta tentar salvar uma espécie se o seu entorno está negligenciado ou destruído. Não falo de baleias e tigres de bengala. Falo do bicho homem.

## Referências

Almeida, Maria da Conceição de. *Complexidade: saberes científicos, saberes da tradição*. São Paulo: Editora Livraria da Física. 2010.

Bateson, Gregory. *Pasos hacia una ecología de la mente*. Buenos Aires: Lohlé-Lumen. 1998.

Capra, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Editora Cultrix. 1980.

---

<sup>28</sup> Maria da Conceição de Almeida, *Complexidade: saberes científicos, saberes da tradição...*

<sup>29</sup> Maria da Conceição de Almeida, *Complexidade: saberes científicos, saberes da tradição...*

Capra, F. et all. Alfabetização Ecológica - A educação das crianças para um mundo sustentável. 1ª ed., Cultrix, São Paulo: Cultrix. 2013.

Couto, Mia. E se Obama fosse africano e outras interinvenções. Portugal: Editorial Caminho. 2009.

Latour, Bruno. Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC. 2004.

Lévi-Strauss, Claude. O Pensamento Selvagem. São Paulo: Papirus Editora. 2010.

Lucena, Thiago Isaias Nóbrega de. (2016). Feiras livres: cidades de um só dia, aprendizados para a vida inteira. Natal: EDUFRN. 2016.

Marx, Karl. O Capital: Crítica da Economia Política. São Paulo: Editora Civilização Brasileira. 2000.

Morin, Edgar. O Paradigma Perdido: a natureza humana. 5.ed. Portugal: Publicações Europa-américa. 2000.

Morin, Edgar. Sociología. Madrid: Tecnos. 1995.

Morin, Edgar. Terra-pátria. 6. ed. Porto Alegre: Sulina. 2011.

Munduruku, Daniel. Mundurukando. São Paulo: UK'A Editorial. 2010.

Prigogine, Ilya; Stengers, Isabelle. A nova aliança: metamorfose da ciência. Brasília: Universidade de Brasília. 1997.

Snow, Charles Percy. As duas culturas e uma segunda leitura. São Paulo: EDUSP. 2015

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Diálogos en Mercosur**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo debe hacerse con permiso de **Revista Diálogos en Mercosur**.